

## **A IMORTALIDADE SIMBÓLICA NA VIDA E OBRA DE FERNANDO PESSOA**

PAULA ISABEL SANTOS (\*)

(\*) Mestre Assistente da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa; membro do CECLICO (psantos@ufp.edu.pt).

### RESUMO

O conceito de imortalidade simbólica, operacionalizado por Lifton (1964) reporta-se ao desejo inerente à espécie humana, de perpetuação para além da morte física. Este desejo, segundo Lifton, é a forma como o ser humano ultrapassa simbolicamente a sua condição de finito, ou seja a ansiedade provocada pela consciência da sua própria morte. Sendo o desejo de imortalidade simbólica expresso em cinco modos (biológico, religioso, natural, experiencial e criativo), fazemos uma reflexão sobre este último na vida e obra de Fernando Pessoa, imortalizado, através do legado literário que deixou e dos múltiplos heterónimos que criou.

PALAVRAS-CHAVE: imortalidade; simbólica; heterónimos.

### ABSTRACT

The concept of symbolic immortality, operated by Lifton (1964) refers to the desire inherent in the human species, in addition to the perpetuation of physical death. This desire, according to Lifton, is the way that human beings find to overcome the idea of death, and the anxiety associated to the perspective of death, that is the anxiety caused by the consciousness of our own death. As the desire for symbolic immortality expressed in five ways (biological, religious, natural, experiential and creative), we reflect on the latter's life and work of Fernando Pessoa, immortalized by the literary legacy he left and he created by his multiple heteronyms.

KEYWORDS: immortality; symbolic; heteronyms.

# 1. INTRODUÇÃO

“A distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão teimosamente persistente.”  
Albert Einstein

No nosso inconsciente a nossa morte nunca é possível (Thorson, 1991 Thomas, 1988). É inconcebível imaginar o nosso próprio fim e, quando ele acontece, é devido a uma acção maligna, ou seja, só podemos imaginar ser mortos por uma acção externa não conseguimos imaginar morrer por causa natural ou por velhice, salienta Kübler-Ross (2000).

Palmer (1993) concluiu que a morte é aterradora, porque é omnipresente, onnipotente, imparcial e, ao mesmo tempo invisível. “Não me venham com conclusões! A única conclusão é morrer (...) E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!”<sup>12</sup>

Todos nós intimamente negamos a morte, agimos como se fossemos imortais (Freud, 1918, 1964, 1976).

A morte é uma representação colectiva, ultrapassando a esfera do individual, sendo disso exemplo os mitos, os quais dão significado à vida e à morte e ao seu papel nas nossas vidas. Desde tempos ancestrais que a morte tem sido um tema central na religião, filosofia, arte e literatura, (Ariès, 1975; Morin, 1976), sendo disso exemplo o legado literário que Fernando Pessoa deixou.

La Rochefoucauld (*cit in* Morin, 1976) afirmou que para o sol e para a morte não se pode olhar de frente. Ao olharmos a morte estamos a olhar para nós próprios. O homem não compreendeu que o mistério não é a morte, mas a sua atitude para com ela. É necessário bater à porta do homem, antes de bater à porta da morte.

A angústia de morte provoca tabus, reacções mágicas. Ninguém ousa lamentar-se dessa maldição comum. Cada um esconde a sua morte, fecha-a a sete chaves. A ideia de morte é uma ideia sem conteúdo, ou uma ideia cheia de vazio até ao infinito (Santos, 2001, 2006; Santos & Bastos, 2009).

Contudo os poetas desde sempre a enfrentaram, munindo-se de uma ardilosa ferreamenta, a criatividade. Uma criatividade lúcida, e translúcida transpira da obra de Pessoa, que nos seus inúmeros escritos atravessou temas como a morte, a solidão, a inteligência o amor e a vida.

“Não sei curar o desespero, doutor Breuer. Limito-me a estudá-lo. O desespero é o preço pago pela auto-consciência. Olhe profundamente para dentro da vida e vai sempre encontrar o desespero.” (Yalom, 2005, p. 150).<sup>13</sup>

“Coisa terrível a inteligência. Tende à morte, como a memória à estabilidade. O vivo, àquilo que é absolutamente estável. O absolutamente individual é, rigorosamente falando, ininteligível” (Unamuno, 1912, p.77).

---

<sup>12</sup> Álvaro de Campos.

<sup>13</sup> Diálogo entre Nietzsche e Breuer, *cit in* Yalom (2005).

Fernando Pessoa, ao ter disso consciência, ao preparar-se para a morte preparava-se para a imortalidade, como podemos constatar no poema de Álvaro de Campos<sup>14</sup>.

### **Estou cansado da inteligência**

Estou cansado da inteligência.  
Pensar faz mal às emoções.  
Uma grande reacção aparece.  
Chora-se de repente, e todas as tias mortas fazem chá de novo  
Na casa antiga da quinta velha.  
Pára. meu coração!  
Sossega, minha esperança factícia!  
Quem me dera nunca ter sido senão o menino que fui..  
Meu sono bom porque tinha simplesmente sono e não ideias que esquecer!  
Meu horizonte de quintal e praia!  
Meu fim antes do princípio!  
Estou cansado da inteligência.  
Se ao menos com ela se percebesse qualquer coisa!  
Mas só percebo um cansaço no fundo, como baixam internas  
Aquelas coisas que o vinho tem e amodorraram o vinho.  
(Álvaro de Campos, 18-6-1930)

## **2. IMORTALIDADE SIMBÓLICA**

"Perante esse terrível mistério da mortalidade, em frente da Esfinge, o homem adopta diferentes atitudes e procura, de diversos modos, consolar-se por ter nascido."  
(Unamuno, 1988, p. 47).

A ideia de imortalidade surge como uma resposta à consciência provocada pela ideia da morte (Lifton & Olson, 1974). É possível olhar para toda a história da humanidade com uma reacção do homem a estas duas questões. Religiões e impérios foram fundados, guerras combatidas e milhões de pessoas mortas em proveito de ideias na mira do caminho da imortalidade. As preocupações com a imortalidade, bem como o debate sobre a sua significação continuam no nosso tempo.

Baseado nas suas entrevistas com sobreviventes de Hiroshima e outras pesquisas, Lifton (1973) teorizou que há uma necessidade básica no psiquismo saudável, que se relaciona com a nossa vida para além da nossa própria morte. Ele chamou a esta necessidade o desejo de imortalidade simbólica, que definiu como uma necessidade uni-

---

<sup>14</sup> Álvaro de Campos - Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993, p. 125.

versal de manter continuidade com os vários elementos da vida para além do tempo e do espaço.

Esta necessidade é expressa nas crenças de todas as grandes religiões e foi provavelmente a forte motivação que esteve por trás da construção das pirâmides do Egito, da gravação das moedas romanas e da criação dos ícones do Cristianismo.

Talvez por este motivo possamos encontrar tantos exemplos de homens dispostos a sacrificar as suas fortunas, ou mesmo as suas vidas, com causas não directamente relacionadas com a sua própria sobrevivência (Drolet, *cit in* Santos & Bastos, 2009).

As recentes pesquisas sobre a temática apontam para uma certa forma de abnegação, na procura da imortalidade simbólica, transcendendo a própria vida ao sacrificar-se por um ideal (Routledge & Arndt, 2007). De uma forma mais comum, o desejo de imortalidade simbólica é expresso no desejo de ter filhos, de conseguir sucesso a nível profissional e no desejo de ser respeitado e lembrado pelo grupo social. Este desejo pode estar também por trás de actos de caridade e está provavelmente relacionado com a enorme indústria fotográfica e de vídeo que se vive na sociedade contemporânea (Mathews & Mister, 1987). Acrescentamos que esse mesmo desejo pode igualmente estar por detrás da efervescente procura de divulgar a identidade através de grupos sociais na internet e da criação de blogues, numa tentativa de tal com há poucas décadas acontecia com a fotografia, de ser visto e ser lembrado. Greenberg *et al.* (2010), sublinham que os próprios heróis do cinema e ou da música acabam por ser depositários dos desejos de imortalidade simbólica da camada anónima da humanidade, pois ao persistirem ao tempo, acabam por mitigar a angústia perante a morte.

O sentido da imortalidade simbólica reflecte a relação do homem com tudo o que vem atrás dele e tudo o que o se seguirá, permitindo-nos participar numa vida contínua, sem negar a realidade da morte. Desta forma as gerações passadas continuam vivas e a presente (geração) desenha a imortalidade (Santos, 2001).

## 2.1. MODOS DE IMORTALIDADE SIMBÓLICA

Este sentido de imortalidade simbólica é expresso em cinco modos ou categorias: biológico ou biossocial, criativo, teológico ou religioso, natural e experiencial (Lifton, 1964; 1979). Estes modos fornecem caminhos através dos quais a ansiedade perante a morte, pode ser minimizada (Lifton & Olson, 1974).

## 2.2. MODO BIOLÓGICO (OU BIOSSOCIAL)

O modo de expressão biológica tem uma enorme importância universal, talvez seja o modo com mais importância e o mais óbvio. Cada um de nós vive através dos seus filhos e filhas, netos e netas, numa cadeia biológica sem fim. Em adição à cadeia generacional, à continuidade de gerações, este modo simboliza também as células reprodutoras, à medida que passam de pais para filhos (Lifton & Olson 1974; Lifton 1979).

Contudo, este modo transcende simbolicamente a nossa própria família biológica para incluir a nossa tribo, organização, nação ou mesmo espécie. O senso de continuidade biológica interliga-se com a continuidade cultural, tal como cada geração presente é fruto das gerações passadas, seremos igualmente a semente das futuras; nós somos a continuidade de princípios éticos, culturais sociais e culturais (Lifton, 1979; Lifton & Olson, 1974).

### 2.3. MODO CRIATIVO

"A second mode is that of human "works", or the creative mode."  
(Lifton & Olson, 1974, p. 77)

Podemos sentir um certo sentido de imortalidade quando fazemos arte, construímos, escrevemos, inventamos, tratamos e ensinamos, ou através de qualquer tipo de influência que iremos deixar nos outros. De uma forma menos vulgar, temos a produção artística (e.g., literatura, pintura, escultura, arquitectura, música), mas de uma forma mais vulgar temos a própria profissão, da qual sobrevive um património humano, ético ou até científico, tais como médicos e professores que deixam uma influência directa nos alunos ou pacientes, que vai por sua vez ser transmitida a outras pessoas.

Este modo enfatiza as nossas metas pessoais e contributos dos quais irão beneficiar aqueles que nos sobreviverem. Cada criador torna-se parte de um projecto maior do que ele próprio, ilimitado no passado e no futuro (Lifton, 1979; Lifton & Olson, 1974).

A base deste modo é o sentimento de que tudo o que nós fazemos vale a pena, já que terá efeitos duradouros. (Lifton & Olson, 1974).

### 2.4. MODO RELIGIOSO (OU ESPIRITUAL)

Este é o modo que surge mais rapidamente quando falamos de imortalidade, é o modo teológico. A imortalidade foi sempre o cerne das preocupações das várias religiões (Lifton, 1979). Historicamente, tem sido através da religião que o homem consegue expressar conscientemente a aspiração de conquistar a morte e de viver para sempre. Diferentes religiões fornecem esperanças de imortalidade em diferentes formas (Cicirelli, 2002).

Este modo lida com a possibilidade de transcender a morte através dos nossos objectivos e metas espirituais. Quer inclua, ou não, a ideia literal da vida para além da morte, a principal característica deste modo é tomar a forma de libertação de uma vida profana ou mundana para um plano mais elevado da existência, onde é permitido ao *self* transcender a sua própria finitude biológica. Muitas religiões incluem ainda a noção de que a morte traz paz e harmonia com Deus ou qualquer princípio elevado do universo (Lifton, 1976, 1979).

“O cristianismo ensina que a alma se reunirá ao corpo, não n’este seu estado material e grosseiro, mas em um todo simplicidade, e espiritualidade.”  
(Abade de Berseaux, 1876, p. 100)

Toda a religião provém historicamente do culto aos mortos, isto é, da imortalidade (Unamuno, 1988).

## 2.5. MODO NATURAL

“A fourth mode is the sense of immortality achieved through continuity with nature.”  
(Lifton e Olson, 1974, p.81)

Este modo está relacionado com a natureza, com o sentimento de que fazemos parte do universo e de que este nos ultrapassa, ou seja, é eterno. Como fazemos parte da natureza, que é eterna, podemos ter a certeza de que algo de nós continuará depois de morrermos. O sentimento de que o meio ambiente natural que nos rodeia, ilimitado no espaço e no tempo permanecerá.

A característica principal que distingue este modo é que ele enfatiza a relação com os outros seres, com aspectos vivos e não vivos da natureza, enfatizando um sentimento de pertença (Mathews & Mister, 1987).

## 2.6. MODO EXPERIENCIAL

“A fifth mode of immortality, which we call experiential transcendence, is a bit different from the others in that it depends solely on a psychological state. This state is the experience of illumination or rapture attained as time seems to disappear.”  
(Lifton & Olson, 1974, p.82)

A experiência transcendental pode ser conseguida através da dança, atletismo, contemplação do passado, criação intelectual e artística, dar à luz ou o sentimento de trabalhar em conjunto por uma causa comum. Estas experiências podem ocorrer relacionadas com qualquer um dos outros modos. Parece ser um potencial psíquico universal, e até necessário, para a suspensão da ordinária percepção do tempo.

Esse estado pode ser conseguido com a ajuda de drogas, com jejum, exaustão física ou privação do sono. Esta experiência resulta numa reordenação dos símbolos e imagens dominantes sob os quais vivemos (Lifton & Olson, 1974, p.83).

Em suma, podemos afirmar que os modos de imortalidade simbólica nos permitem de certa forma jogar com as elásticas subtilidades do tempo, potenciando a vida e minimizando a angústia provocada pela ideia da morte.

### 3. FERNANDO PESSOA

Fernando António Nogueira Pessoa nasceu em Lisboa a 13 de Junho de 1888 e na mesma cidade morreu a 30 de Novembro de 1935, de uma grave crise hepática induzida por anos de consumo de álcool, no hospital de S. Luís. Em 1988, por ocasião do centenário do seu nascimento, os seus restos mortais foram trasladados para o Mosteiro dos Jerónimos em Belém.

A sua juventude foi passada em Lisboa, até à morte do pai em 1893 e do irmão Jorge no ano seguinte. A viuvez da mãe, levou-a a um segundo casamento com o cônsul de Portugal em Durban, o que arrastou a família para a África do Sul. Fernando Pessoa viveu entre 1896 e 1905 as experiências da Commonwealth o que pode ter influenciado o seu nível cultural e intelectual, pondo-o em contacto com os grandes autores de língua inglesa.<sup>15</sup>

O Regresso a Portugal, com 17 anos, é feito com o intuito de frequentar o curso de Letras, contudo o fracasso do referido curso (frequentou-o poucos meses), levou-o a desbravar outros caminhos, aos quais facilmente acedeu com o grande conhecimento da língua inglesa, tendo trabalhado com diversos escritórios em Lisboa em assuntos de correspondência comercial.

Ficou sobretudo conhecido como grande prosador do modernismo (ou futurismo) em Portugal. Expressando-se tanto com o seu próprio nome, como através dos seus heterónimos. Sendo que as suas participações literárias se espalhavam por inúmeras publicações, das quais se destacam: Athena, Presença, Orpheu, Centauro, Portugal Futurista, Contemporânea, Exílio, A Águia, Gládio. Estas colaborações eram tanto em prosa como em verso.

A sua vida centra-se sempre na criação literária, não deixando outros aspectos, entre os quais os amores confessos com Ophélie Queirós, mitigar a sua produção artística.

Espírito inquietante, Pessoa viajou sobretudo à descoberta de si próprio. Criou e iluminou vários personagens, Criou dezenas de heterónimos, personalidades com identidade própria dos quais jorrava a sua própria obra poética, o próprio Fernando Pessoa passou a ser chamado ortónimo, porquanto era a personalidade original. Entretanto, com o amadurecimento de cada uma das outras personalidades, o próprio ortónimo tornou-se apenas mais um heterónimo entre os outros.

Os três heterónimos mais conhecidos (e também aqueles com maior obra poética) foram: Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro. Um quarto heterónimo de grande importância na obra de Pessoa é Bernardo Soares, autor do Livro do Desassossego, importante obra literária do século XX. Bernardo é considerado um semi-heterónimo por ter muitas semelhanças com Fernando Pessoa e não possuir uma personalidade muito característica, ao contrário dos três primeiros, que possuem até mesmo data de

---

<sup>15</sup> Informação retirada do sítio: <http://arquivopessoa.net/> a 24 de Setembro de 2010.

nascimento e morte (exceção para Ricardo Reis, que não possui data de falecimento), o que serviu de mote a José Saramago, para o livro: “O ano da morte de Ricardo Reis”.

Esta multiplicidade de identidades desagua num mar de criatividade na qual a nosso ver é bem patente o desejo de imortalidade simbólica, cinzelada nos seus cinco modos, assim como a ansiedade perante a morte que lhe inocula esse mesmo desejo

“Quero fugir ao mistério / Para onde fugirei? / Ele é a vida e a morte / Ó Dor, aonde me irei?”<sup>16</sup>

## 4. FERNANDO PESSOA E A IMORTALIDADE SIMBÓLICA

Considerado um dos maiores poetas portugueses, conhecido e reconhecido internacionalmente Pessoa desdobrou-se em identidades procurando e lavrando com cada uma delas um pedaço da eternidade.

Se a na vida e obra de pessoa transpira o modo criativo de imortalidade simbólica, numa análise um pouco mais detalhada podemos identificar todos os modos de imortalidade simbólica referidos por Lifton (1964, 1979). Numa breve análise de alguns poemas conseguimos encontrar um casulo do modo biológico, natural, religioso e experiencial, o que estará de acordo com Drolet (1990) e Lifton (1979) pois todos os modos se interligam. Ainda que para o mais comum dos mortais seja difícil conjugar com igual veemência os cinco modos, em Fernando Pessoa a criatividade jorra com a mesma veemência com que deseja (ainda que inconscientemente) a imortalidade e tem a cruel consciência da morte, como nos demonstra o poema de Ricardo Reis.

Nada fica de nada. Nada somos.<sup>17</sup>  
Nada fica de nada. Nada somos  
Um pouco ao sol e ao ar nos atrasamos  
Da irrespirável treva que nos pese  
Da húmida terra imposta,  
Cadáveres adiados que procriam.  
Leis feitas, estátuas vistas, odes findas -  
Tudo tem cova sua. Se nós, carnes  
A que um íntimo sol dá sangue, temos  
Poente, porque não elas?  
Somos contos contando contos, nada.

---

<sup>13</sup> Obra poética - Página 423, de Fernando Pessoa, Maria Aliete Galhoz - Publicado por Aguilar, 1960 - 815 páginas.

<sup>14</sup> Poemas de Ricardo Reis. Fernando Pessoa. (Edição Crítica de Luiz Fagundes Duarte.) Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994, p. 168.

Fernando Pessoa não só se imortalizou como o fez de várias formas, desdobrando-se em identidades quer no sentido de suportar a pequenez do ser humano quer no sentido de suportar a própria vida, inflamando-a com inúmeros personagens que brotavam da sua capacidade de criativa, para ao quais não havia espaço numa pessoa só.

Com uma tal falta de gente coexistível, como há hoje, que pode um homem de sensibilidade fazer senão inventar os seus amigos, ou quando menos, os seus companheiros de espírito?<sup>18</sup>

Todos desejamos a imortalidade, como diria Kundera (1990) mas nem sempre por diversos condicionalismos de vida esse mesmo desejo é agido. Nos génios literários o modo criativo insurge-se. No caso de Pessoa ele brota de forma vulcânica, quer da sua vida, quer da sua obra, ao impôs-se ao desdobrar-se em inúmeras personalidades, tentando absorver a vida com todos os poros, como se poderá facilmente ler de inúmeros dos seus poemas, citemos:

Para ser grande<sup>19</sup>  
Para ser grande, sê inteiro: nada  
Teu exagera ou exclui.  
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és  
No mínimo que fazes.  
Assim em cada lago a lua toda  
Brilha, porque alta vive.

Este poema escrito por Ricardo Reis parece-nos espelhar de forma clara, o modo experiencial e criativo, como quem diz: cria, sê tu próprio, absorve com todos os poros da tua alma a lucidez dos segundos, não te deixes inebriar pela fastidiosa passagem do tempo.

Num outro poema que escolhemos de entre centenas, parece-nos espelhar o modo biológico de imortalidade simbólica. Aqui o autor ao identificar-se com o sofrimento do povo português eleva na pátria o ensejo da imortalidade, coincidindo com o que Lifton (1964) designa por identificação ao grupo cultural.

Patriota? Não: só português<sup>20</sup>.  
Patriota? Não: só português.  
Nasci português como nasci louro e de olhos azuis.  
Se nasci para falar, tenho que falar-me.

---

<sup>18</sup> "Pessoa, Fernando". *Livro do Desassossego*. Coleção: Obras de Fernando Pessoa. Assírio & Alvim, 2006. ISBN 972-37-0476-5.

<sup>19</sup> Odes de Ricardo Reis. Fernando Pessoa. (Notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (imp.1994). .1ª publ. in *Presença*, nº 37. Coimbra: Fev. 1933. p. – 148

<sup>20</sup> Pessoa por Conhecer - Textos para um Novo Mapa . Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990, p.332.

Num outro poema também de Alberto Caeiro parece-nos poder ver transpirada nas palavras arrumadas, o modo natural de imortalidade simbólica. O Universo em si encerra a pequenez do ser humano e ao mesmo tempo permite-lhe expandir-se em imaginação até ao infinito. O Universo permite-se sobreviver para além da vã passagem do tempo.

Aceita o universo<sup>21</sup>  
Aceita o universo  
Como to deram os deuses.  
Se os deuses te quisessem dar outro  
Ter-to-iam dado.  
Se há outras matérias e outros mundos  
Haja.

Um outro poema que citamos, de Álvaro de Campos, permite-nos identificar o modo religioso, atrás citado, como sendo a identificação espiritual, a imortalidade para além do corpo, o infinito transformado em fé, a fé de que não e vã esta passagem pela vida.

**DEUS**<sup>22</sup>  
Às vezes sou o Deus que trago em mim  
E então eu sou o Deus e o crente e a prece  
E a imagem de marfim  
Em que esse deus se esquece.  
Às vezes não sou mais do que um ateu  
Desse deus meu que eu sou quando me exalto.  
Olho em mim todo um céu  
E é um mero oco céu alto.  
3-6-1913

Álvaro de Campos no poema “Às vezes tenho ideias felizes”, retrata o dilúculo do caminho da perene caminhada para o rasto de identidade, que deixaria para quem a quiser seguir, para quem a quiser ler, para quem quiser deleitar-se ou simplesmente identificar-se com o poeta que sendo a voz do povo é a voz da imortalidade (simbólica). *E eu sinto que em meu gesto existe o teu gesto e em minha voz a tua voz*<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> “Poemas Inconjuntos”. Poemas Completos de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa. (Recolha, transcrição e notas de Teresa Sobral Cunha.) Lisboa: Presença, 1994. p.136.

<sup>22</sup> Novas Poesias Inéditas. Fernando Pessoa. (Direcção, recolha e notas de Maria do Rosário Marques Sabino e Adelaide Maria Monteiro Sereno.) Lisboa: Ática, 1973 (4ª ed. 1993, p.23.

<sup>23</sup> Fernando Pessoa.

Às vezes tenho ideias felizes<sup>24</sup>,  
Às vezes tenho ideias, felizes,  
Ideias subitamente felizes, em ideias  
E nas palavras em que naturalmente se despejam...  
Depois de escrever, leio...  
Porque escrevi isto?  
Onde fui buscar isto?  
De onde me veio isto? Isto é melhor do que eu...  
Seremos nós neste mundo apenas canetas com tinta  
Com que alguém escreve a valer o que nós aqui traçamos?...

## 5. CONCLUSÃO

A consciência da nossa própria morte, ainda que nem sempre conscientemente valorizada, nem sempre falada, faz com que sintamos a angústia que o vazio provocado da ideia de morte provoca. Essa mesma angústia acaba por nos mover na procura de sermos lembrados, de prolongarmos a nossa identidade para além da nossa morte física. Através dos cinco modos de imortalidade simbólica o ser humano vai suportando a ideia da morte, de forma mais ou menos criativa, mais ou menos angustiada ou de forma mais ou menos reflectida. Os poetas, corajoso conquistadores de palavras e de sentimentos, acabam por pincelar nas sua telas feitas de palavras os nossos mais latentes desejos, angústias e anseios. Com os poetas dizemos o que queremos dizer, ainda que nem sempre disso tenhamos consciência. Com Pessoa, egrégio exemplo de criatividade e ousadia, lemos, vivemos, criamos o nosso próprio espaço (imaginário e merecido) dentro de cada poema com o qual nos identificamos. Com Pessoa vemos com os olhos do poeta (que era da altura do que via e não do seu tamanho), o mundo através de um prisma, quer colorido, quer transparente, onde a multiplicidade dos segundos se condensam nos pensamentos e se fazem em sonhos. Viver é preciso, é preciso por se ter consciência da morte, para que esta não seja tão assustadora, tão redutora.

Com a poesia, Pessoa logrou a morte com a obra imortal e deu voz a todos quantos desejando não se perder no fugaz anonimato da vida se identificam com a sua obra e nela se vêm e revêm.

---

<sup>24</sup> Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993), p.66.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABADE DE BERSEAUX (1874) *A Morte e a Imortalidade- ou resolução em breves palavras das grandes questões religiosas*. Typ. Editora de Mattos Pereira & Comp<sup>a</sup>, 1874. Lisboa acomodado à língua portuguesa por: Mariano Cordeiro Foyo.

ARIÈS, P. (1975) *Sobre A História da Morte no Ocidente Desde a Idade Média*. Lisboa, Teorema.

CICIRELLI, V. (2002) Fear of Death in Older Adults: Predictions from Terror Management Theory. *J Gerontology B Psychol Sci Soc Sci*, 57,(4), 358-366.

FREUD, S. (1918) *Reflections on War and Death*. New York, Moffat, Yard & Co.

FREUD, S. (1964) *Why War?* Strachey (Ed. and Trans.) *The Standard Edition of Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. London, Hogarth Press (Obra Original Publicada Em 1933).

FREUD, S. (1976) *Uma Experiência Religiosa*. Rio de Janeiro, Imago, Vol.17. (Obra Original Publicada Em 1928).

GREENBERG, J., KOSLOFF, S., SOLOMON, S., COHEN, F., & LANDAU, M. (2010) Toward Understanding the Fame Game: The Effect of Mortality Salience on the Appeal of Fame. *Self & Identity*, 9 (1), 1-18.

KÜBLER-ROSS, E. (2000) *Sobre a Morte e o Morrer*. São Paulo, Martins Fontes.

KUNDERA, M. (1999) *A insustentável Leveza do ser*. Lisboa, Companhia das Letras.

LIFTON R. J. & OLSON, E. (1974) Living and Dying. New York, Praeger Publisher.

LIFTON, R. J. (1964) On Death and Symbolism: The Hiroshima Disaster. *Psychiatry: J. Stud Interpret Proc*. 27, 191-210.

LIFTON, R. J. (1973) The Sense of Immortality: On Death and the Continuity of Life. *American Journal of Psychoanalysis*, 33, 3-15.

LIFTON, R. J. (1974) On Death and the Continuity of Life: A "New" Paradigm. *History of Childhood Quarterly*, 1(4), 681-696.

LIFTON, R. J. (1979) *The Broken Connection: On Death and the Continuity of Life*. New York, Simon & Schuster.

MATHEWS, R. C. & MISTER, R. D. (1987) Measuring an Individual's Investment in The Future: Symbolic Sensation Seeking, and Psychic Numbness. *Omega: The Journal of Death and Dying*, 18 (3), 161-173.

MORIN, E. (1976) *O Homem e a Morte*. Lisboa, Europa América.

PALMER, G. (1993) *Death: The Trip of a Lifetime*. San Francisco, Press. S.F

ROUTLEDGE, C. & ARNDT, J. (2007) Self-sacrifice as self-defence: Mortality salience increases efforts to affirm a symbolic immortal self at the expense of the physical self. *European Journal of Social Psychology*, 38 (3), 531-541.

SANTOS, P. & BASTOS, C. (2009) Miguel Torga-das raízes para a imortalidade. Veredas – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, 11, pp. 45-58.

SANTOS, P. I. (2001) *Ninguém Morre*. Lisboa, Editorial Minerva.

SANTOS, P. I. (2006) Imortalidade Simbólica e Identificação Por Delegação: Os Contributos de Robert Jay Lifton e Eurico Figueiredo. *In Estudos e Ensaios em Homenagem a Eurico Figueiredo*. Porto, Edições Afrontamento. CEPESE, 133-138.

THORSON, J. A. (1991) Afterline Constructs, Death Anxiety, and Life Reviewing: The Importance of Religion as a Moderating Variable. *Journal of Psychology and Theology*, 19 (3), 278-284.

UNAMUNO, M. (1988) *Do Sentimento Trágico da Vida*. (1ª Ed. 1912). Relógio D`Água, Lisboa.

**PAULA ISABEL SANTOS**

MESTRE ASSISTENTE DA UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA.